



VACAS



UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

VACAS

CLARA BICALHO MASCARENHAS GUIMARÃES

BELO HORIZONTE

2017

CLARA BICALHO MASCARENHAS GUIMARÃES

VACAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais/Pintura da UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais/Pintura.

Orientadora: Christiana Quady.

Belo Horizonte
2017

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar minhas pinturas e discorrer sobre a temática delas, Vacas. Além de trazer meu processo, memórias e reflexões.

A partir da temática escolhi dois autores: Villém Flusser e Michel de Montaigne, que falam de pontos de vista distintos sobre a vida dos animais.

Sobre as pinturas explicarei as técnicas utilizadas: óleo e encáustica, e dos recursos que uso para a construção das imagens, quadrícula e fotografia.

Palavras Chave: Pintura- Memória- Vacas- Quadrícula- Fotografia

Abstract

The purpose of this article is to present my paintings and discuss its subject: cows. It brings my process, memories and reflections.

About the subject I chose two authors: Villém Flusser and Michel de Montaigne, who speak, from different points of view, about the lives of animals.

About the paintings I will explain the techniques used: oil and encaustic on canvas, and the resources I use for the construction of images, grid and photography.

Key words: Painting- Memory- Cows- Grid- Photography

Agradecimentos

Ao pintor e professor Mário Zavagli, pela sua importância para minha formação. Mesmo sem ser oficialmente meu professor, ele foi uma das pessoas mais generosas com seu conhecimento.

À pintora e professora Andrea Lanna, que foi a primeira que não criticou meu jeito de trabalhar a forma, que apreciava o meu processo e me ajudou a perceber a qualidade do meu trabalho. Foi uma ótima mentora. Obrigada!

À professora Christianna Quady, que me inspirou desde o primeiro encontro com a paixão que coloca em cada aula e a atenção e dedicação para entender o processo de cada aluno.

Índice

1. Introdução..... 9

2. Trajeto..... 19

3. Quadricula e fotografia..... 27

4. Fábrica..... 38

5. Pinturas..... 43

6. Conclusão..... 62

1. Introdução

Iniciei meu percurso na Escola de Belas Artes (EBA) em março de 2013. Escolhi fazer Artes Visuais para trabalhar com cinema e fotografia, mas não foi esse o caminho que segui. Após dois semestres na faculdade já havia passado por disciplinas introdutórias de todas as habilitações do bacharelado: pintura, escultura, desenho, gravura e artes gráficas. Para continuar o curso tive que escolher minha habilitação e foi Pintura. A habilitação em que pretendia me formar antes de entrar na EBA era a de artes gráficas, porém descobri, no mundo da pintura, técnicas que são muito mais interessantes para o meu processo de construção das imagens.

A disciplina Forma, Cor e Composição me deu o primeiro contato, na EBA, com pintura. Meu trabalho final da disciplina foi composto por três pinturas a guache sobre papel, inspiradas em estampas de chita (sempre presentes no meu imaginário, pois cresci em uma família de tecelões e o principal produto da fábrica era o chitão). No segundo semestre, fiz minhas primeiras Vacas. Na disciplina de Impressão usei uma técnica similar à do metal: gravei uma Vaca de costas (fig.1) que me deu noção da minha capacidade de investigação da forma. Durante o mesmo semestre, cursei Bidimensionalidade II com Andrea Lanna como professora. Ela sempre foi muito efusiva em seus comentários sobre a minha pintura e me ajudou a perceber a vibração das cores e a qualidade da forma pouco preocupada com um realismo exacerbado. Trabalhei com três técnicas: têmpera vinílica, acrílica e óleo. Na época, a tinta que eu mais me identifiquei foi a acrílica, apesar da minha pintura favorita do semestre ser em têmpera vinílica (fig.2), com uma imagem que já se repetiu várias vezes no meu processo.

No terceiro semestre, precisei fazer minha escolha de habilitação e a pintura foi mi-

nha opção, apesar de ter ficado bastante em dúvida entre essa e a habilitação em gravura. Fiz três disciplinas básicas: Pinturas A, B e C. As duas primeiras foram com a professora Christiana Quady. Em Pintura A, as técnicas trabalhadas foram aquarela, guache e têmpera a ovo. Em Pintura B, trabalhei com acrílica. Na terceira, Pintura C, utilizei diferentes técnicas a óleo: encáustica quente e encáustica fria. Gostei muito de trabalhar com essa última técnica e inclusive até hoje utilizo a cera para pintar. Além disso, em Pintura C, preparei telas de diferentes formas com verniz, com óleo e com látex. Foi muito interessante perceber como cada preparação define um modo específico com que a tela recebe a tinta.

Também cursei outras disciplinas que não envolviam pintura. Mas, nesse momento, vou me deter àquelas que de certa forma contribuíram diretamente para o meu trabalho de conclusão de curso. No quarto período fiz Pintura Projeto com o professor Lincoln Volpini, quando então desenvolvi pinturas em diferentes suportes e técnicas. Ainda não possuía um projeto próprio e essa disciplina me forneceu informações necessárias para o desenvolvimento de um projeto em pintura.

Ao longo do meu trajeto, as pinturas com as quais me senti mais envolvida eram as que representavam bichos, pintei vários: seriema (fig.3), papagaio (fig.4), peixe (fig.5), lagarta, gato (fig.6), cachorro (fig.7), cavalo e Vacas. Ao chegar em Ateliê I, senti uma liberdade incrível de poder fazer o que eu quisesse sem ninguém me monitorando e me direcionando. Foi nesse semestre que pintei a Vaca 058 (fig.8) e dei início a uma série sem fim.

No Ateliê II pintei duas outras Vacas, a 021 (fig.9), que na verdade é um bezerro, e a 034 (fig.10), que já repeti de novo e de novo; essa última é inspirada em uma fotografia que eu fiz em 2011. Por algum motivo vivo refazendo e redescobrimo aquele nariz entre as tábuas do curral. Passei por um semestre sem fazer disciplinas na minha habilitação. Fiz litografia e nessa disciplina

desenvolvi uma gravura com Touche que foi muito similar à pintura, fiz uma Vaca a 058 (fig.11).

O Ateliê III foi o ateliê em que mais me comprometi a realizar pinturas, prometi para mim que faria dezesseis. No entanto só consegui realizar oito e mesmo assim não finalizei todas. Repeti as figuras 034 e 058, sendo que essa foi feita em uma pose nova. Fico sempre revisitando essas imagens de Vacas que eu faço desde que comprei minha câmera em 2011. A cada dia esse banco de imagens cresce, e não é proporcional à quantidade de pinturas que eu produzo. Alguns amigos e minha mãe sempre aumentam essa coleção de fotografias, e, às vezes, até prefiro as da minha mãe justamente pela sua inexperiência com fotografia.

Nesse último momento da minha trajetória nesta habilitação, comecei a procurar referências que se relacionem ao tema da minha pintura: Vacas. Também comecei a pensar mais sobre os elementos que foram aparecendo e desaparecendo ao longo do tempo. Durante essa introdução, levantei algumas dessas questões e, a seguir, vou enumerar e dividir esses pontos em sessões para facilitar a leitura desse texto.

Começo escrevendo sobre meu trajeto e os elementos que apareceram durante esse processo. Em seguida, falarei sobre a fotografia como minha ponte para entrar no mundo da poética das artes, sobre os pintores que influenciaram meu trabalho durante o curso de artes visuais e dos bichos como motivo do meu fazer. Na segunda parte, falarei sobre os elementos que percebo serem importantes na minha pintura. Numa próxima parte, vou dissertar sobre o local que originou minha obsessão por Vacas, sobre casos da infância e textos relacionados. Na sequência, apresentarei as pinturas que esse TCC tem o papel de apresentar e as preparações para elas.



Fig.1 Vaca Impressão. 12x16cm. Ponta seca sobre acrílico.

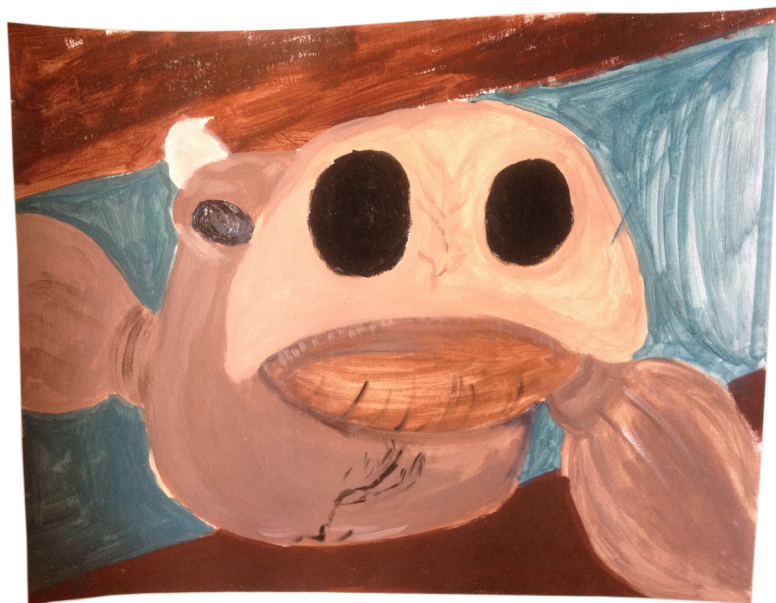


Fig.2 Vaca. Têmpera vinilica sobre papel.



Fig.3 Seriema. Óleo sobre tela.



Fig.4 Papagaio. Encáustica sobre tela.

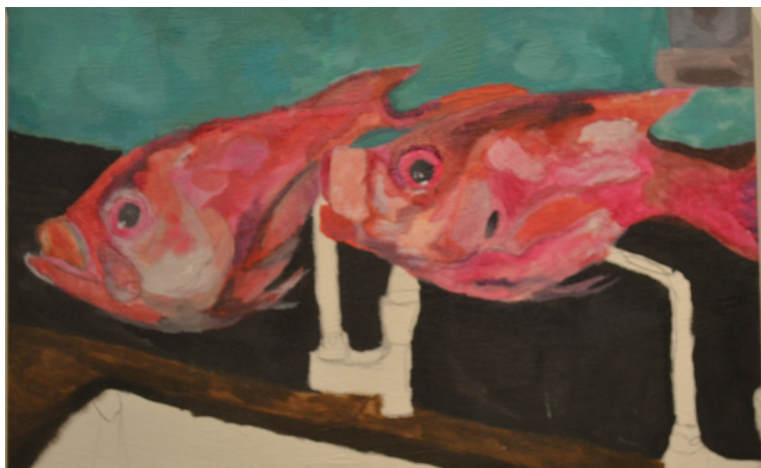


Fig.5 Vermelhos. 84x41cm. Acrílica sobre tela.



Fig.6 Rita. 90x120cm.
Óleo sobre tela.



Fig.7 Carmen e Valentina. 105x88cm. Acrílica sobre tela.



Fig.8 058. 135x115cm. Óleo e encáustica sobre tela.

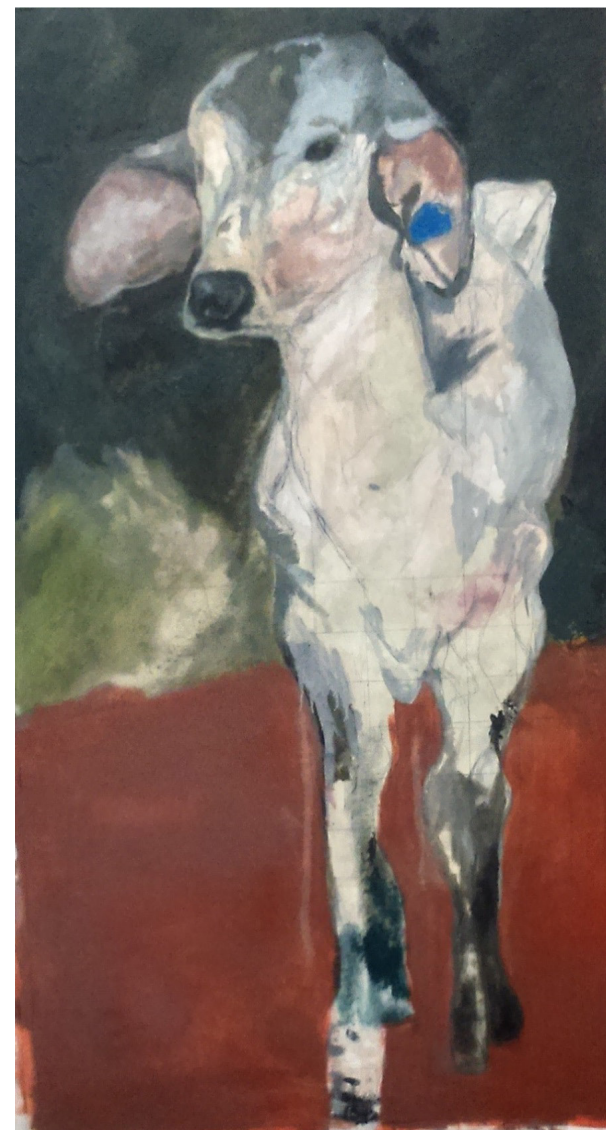


Fig.9 021. 90x170cm. Óleo e encáustica sobre tela.



Fig.10 034. 110x90cm. Óleo e encáustica sobre tela.

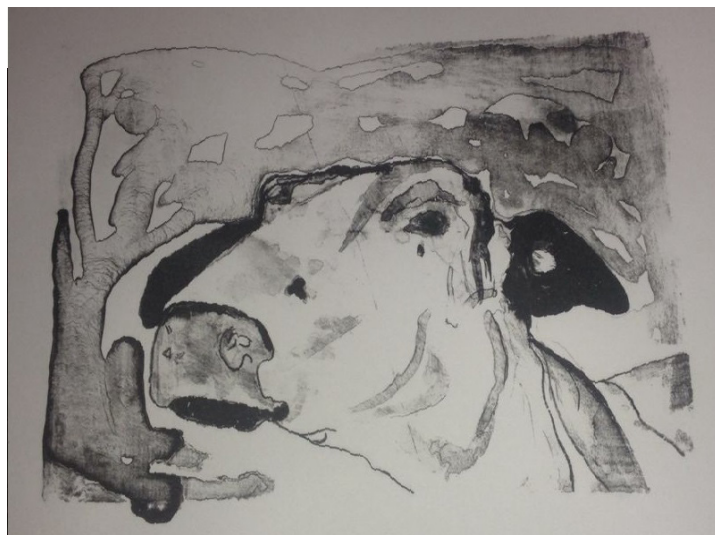


Fig.11 058 Litogravura. 35x30cm.

2.Trajeto

Eu devia ter poucos anos de vida e já tinha uma câmera fotográfica, era daquela descartável com vinte e quatro fotos. Quando consegui reunir fundos para comprar uma câmera, já era digital, estava no início da adolescência e queria guardar imagens do mundo que via. Em 2011, a fotografia surgiu como válvula de escape: eu parava de me conectar com a realidade para tirar dela o que eu queria ver. As perspectivas que eu escolhia, buscava e gostava nunca foram as tradicionais, ainda prefiro muito mais o erro ao acerto, o grotesco ao belo, simétrico e equilibrado. À medida que minha experiência com a câmera aumentava, as distorções que me agradavam diminuía e, assim, comecei a perceber, nas fotos que minha mãe fazia, uma despreocupação com o equilíbrio da composição que resultava em enquadramentos e recortes da figura bastante interessantes.

Hoje escolho e enquadro cuidadosamente todos os elementos que quero na foto, mas o fato de gostar de fotografar animais faz com que, por maior que seja o controle que tenho sobre a câmera, nunca terei sobre o movimento dos bichos. Considero essa imprevisibilidade parte crucial do meu trabalho, pois cria as composições e distorções que me interessam. Essas fotografias às quais me refiro acima são posteriores ao processo que levou às pinturas apresentadas nesse trabalho, portanto não entrarão nas imagens aqui apresentadas.

No começo da faculdade, os professores nos pediram para levar nossos trabalhos, e eu, na época, só tinha fotografias. E bem aleatórias. Se existia alguma unidade naquelas fotos, era que a maioria esmagadora delas eram de bichos - todos eles, menos lagartos de quatro patas e todos os 99,9% dos animais que ainda não vi.

Durante a primeira disciplina dedicada inteiramente à pintura, produzi várias, algumas sem referência e outras nas quais usei minhas fotografias como ponto de partida. Continuei produzindo dessa maneira por alguns semestres, até que cursei meu primeiro ateliê e comecei a fazer projetos para minhas pinturas. Foi a primeira vez que quadriculei a fotografia e o suporte.

Naquele momento, utilizei a quadricula para ajudar na construção da forma. A primeira pintura em que usei o quadriculado foi “Carmen e Valentina” (fig.7). a partir de uma fotografia feita com o celular e impressa como referência para as figuras, mas o fundo é imaginário. Assim como Francis Bacon, (fig.12) usei variações da mesma cor para dividir os planos na tela. A segunda pintura foi uma Vaca, 058 (fig.8). Na época, não havia atribuído o título nem sabia que essa peça desencadearia em uma série de Vacas, que, por sua vez, me levou a outra série (a que esse TCC apresenta) e me faria não querer pintar outro animal até agora. No fim daquele semestre, comecei a pintura de uma lagarta verde cujas cores eu amava, porém não tive tempo de terminá-la, e no semestre seguinte não voltei a trabalhar nela. Comecei, então, uma nova pintura de uma Vaca que já havia pintado antes, de número 034 (fig.10). Ela conversou perfeitamente com a pintura do semestre anterior e, depois de perceber isso, preferi continuar investigando a forma das Vacas. Imagino que conseguirei trabalhar outros animais em pintura paralelamente às Vacas, mas acredito que nunca pararei de retratá-las.

Minhas principais referências são Lucian Freud (fig.13, 14, 15) e Ana Elisa Egreja (fig.16, 17 e 18). Os dois artistas eu conheci depois de entrar na EBA. Lucian Freud se tornou uma referência assim que o conheci bem no começo do curso. As pinturas em que ele retrata animais são as que eu mais gosto. Acho interessante a forma como ele traba-

lha as figuras humanas, muitas vezes atribuindo características animais a elas. Trouxe sua influência mais evidentemente para minha pintura em “Carmen e Valentina” (fig.7).

Descobri a Ana Elisa Egreja através de um colega que já estava se formando e hoje é professor substituto do ateliê I, o José Lara. A identificação foi imediata: ela pinta bichos em vários lugares e trabalha o ambiente tanto quanto o bicho, o que torna nossos interesses distintos. Ainda sim, a admiração pelas pinturas e pela técnica continua. Na passagem a seguir, retirada de uma entrevista,“(...) me identifico com os pintores holandeses de natureza morta, o cetim eu quero que pareça mesmo o cetim, o metal da geladeira, metal. Mas não chega a ser hiper-realista, nunca fui e acho que não serei (...)” (MONACHESI, Juliana e MESQUITA, Tiago. 2013)¹ eu percebo que nossas intenções são em alguns momentos similares. Eu também procuro fazer entender que o animal é o animal e comecei a me preocupar com o local onde ele está inserido. Entretanto, prefiro deixar lacunas nas composições, para convidar o observador a preencher esses espaços com sua própria imaginação e memória.

Pergunto-me: o que me levou a pintar bichos? E o que me levou a priorizar a Vaca? Foi um ser extracorpóreo, divino que sussurrou o que tenho que fazer ou foram minhas entranhas? Por ser de uma família de tecelões, passei grande parte da minha infância na fábrica em Alvinópolis. Consegui a maioria das minhas memórias mais felizes naquele lugar, mas depois de entender que os bois criados lá não eram de estimação e sim “máquinas descartáveis” comecei a cultivar vários pensamentos conflitantes.

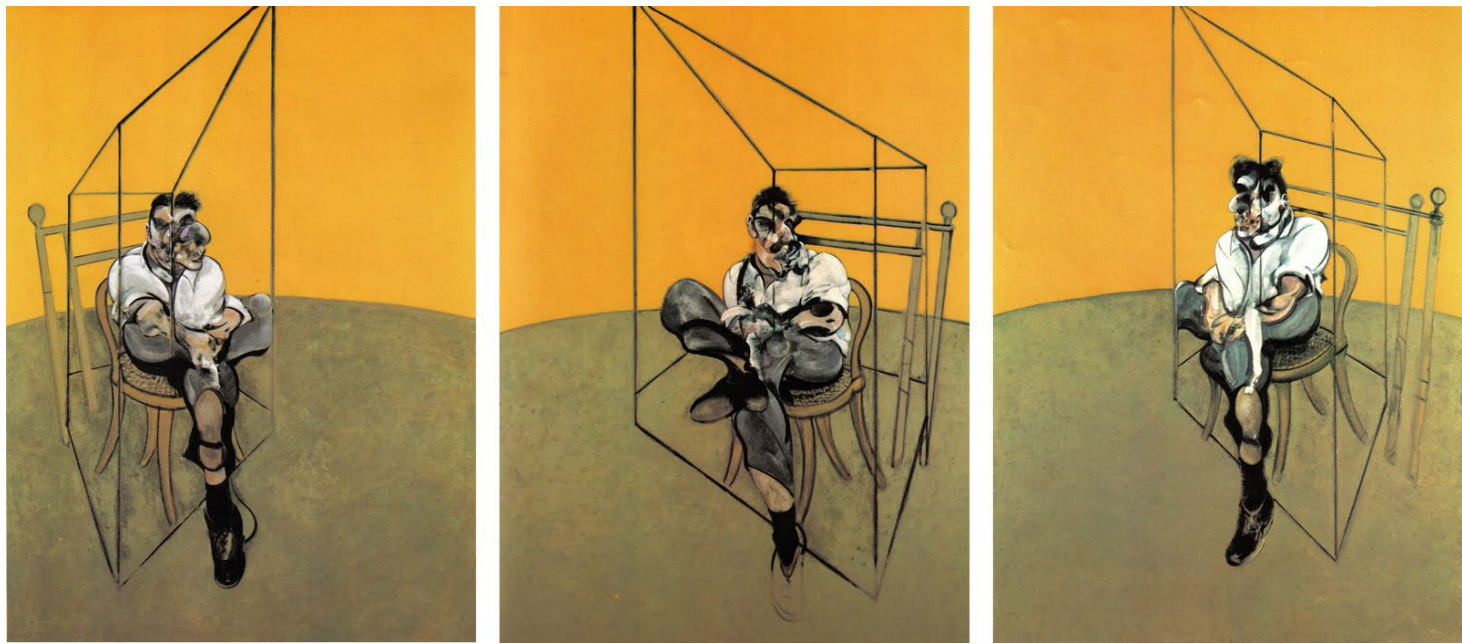


Fig. 12 Três estudos sobre Lucian Freud, Francis Bacon.



Fig.13 Grey Gelding, Lucian Freud.



Fig. 14 Girl with a kitten, Lucian Freud.



Fig.15 Triple portrait, Lucian Freud.



Fig.16 Escada2, Ana Elisa Egreja



Fig.17 Patos na piscina, Ana Elisa Egreja.



Fig.18 Ritz e Cildo, Ana Elisa Egreja.

3.Quadrícula e fotografia

Percebi, apenas recentemente, a relação entre a fotografia e a quadrícula no meu trabalho. Já usava a técnica do quadriculado sobre a fotografia para facilitar a ampliação da foto para a tela e diminuir algumas possíveis distorções, assim como o pintor e teórico de arte Leon Battista Alberti propôs no séc. XV, com o objeto quadrícula (fig. 19).

O que torna minha técnica diferente da de Alberti são alguns séculos de distância que permitiram a invenção de objetos que eliminaram a necessidade do contato direto com o modelo no momento da pintura. A câmera fotográfica digital, o computador e a impressora são, no meu caso, as máquinas usadas. Algumas pessoas usam a imagem da tela do celular como referência, mas eu gosto de ter a imagem concreta, na bidimensão. O papel em branco cria uma “janela” para o local da pintura e permite que o espaço seja quadriculado. Para isso, imprimo as fotos em impressora comum, o que as faz perderem definição, mas isso não me incomoda.

A fotografia é mais interessante para mim que a quadrícula como objeto, já que, além da praticidade de conseguir levar a imagem para qualquer lugar, ela permite que eu consiga recortes do modelo em ângulos antes inimagináveis.

A ideia central da janela com linhas paralelas verticais e horizontais entre o pintor e a cena se manteve. A janela sem parede delimitando a cena se transforma em uma janela com parede (margens da fotografia).

Minha intenção ao pintar é possivelmente diferente da dos pintores do séc. XV. Isso fica claro a partir do momento em que deixo de usar o quadriculado tradicional com todos os quadra-

dos do mesmo tamanho e passo a modificar a estrutura desse quadriculado, alterando a distribuição de linhas verticais e horizontais para atender as minhas necessidades em cada imagem. Uso as linhas também para deixar à vista o processo de construção da imagem. E mais que isso, no meu trabalho atual, as linhas cortam as Vacas, por isso faço questão de deixá-las aparecerem.

A primeira peça em que usei a técnica da quadrícula foi em ateliê I, quando então realizei uma pintura das minhas cachorras Carmen e Valentina (fig.7). Comecei a trabalhá-la em um desenho do mesmo tamanho da foto com ambos quadriculados e pinteí a lápis de cor para ter uma noção das cores que usaria. Passei o desenho para a tela e, quando fui fazer a cabeça da Valentina (dálmata), precisei de um novo quadriculado, dessa vez com os quadrados menores para conseguir a forma que eu queria. Nessa pintura, fiz um fundo roxo que divide a tela em dois planos e não me importei com a representação do local onde a foto foi feita, elas estão em um campo imaginário.

Ainda no ateliê I pinteí a primeira vaca que considero a que deu início às séries de pinturas subsequentes. A primeira série (fig.8, 9 e 10) participou da exposição Ateliê 234, com curadoria da professora Christiana Quady, na reitoria da UFMG, entre novembro e dezembro de 2015. Nas pinturas 058 (fig.8) e 034 (fig.9) não usei a quadrícula, comecei a usar a técnica nas Vacas a partir da 021 (fig.10) e levei para a minha segunda série das Vacas, produzida durante os ateliês III e IV, que será apresentada ainda nesse trabalho de conclusão de curso. Interessei-me pela paisagem da fotografia na última pintura que realizei no ateliê II (fig. 10), e, a partir desse momento, procuro na paisagem elementos que me interessam e escolho-os de forma que a composição sugira o local. Não preservá-lo integralmente permite transpor aquele instante para qualquer tempo e espaço sendo uma lembrança para mim e uma sugestão para o observador.

Comecei a fazer algumas pinturas pequenas de 20x20cm (fig. 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 33) com texturas nas cores que uso nas pinturas das Vacas. Acredito que o quadriculado na tela tenha me dado o formato dessas pinturas.



Fig.19 Quadrícula



Fig.20 Textura1. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.21 Textura2. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.22 Textura3. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.23 Textura4. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.24 Textura5. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.25 Textura6. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.26 Textura7. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.27 Textura8. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.28 Textura9. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.

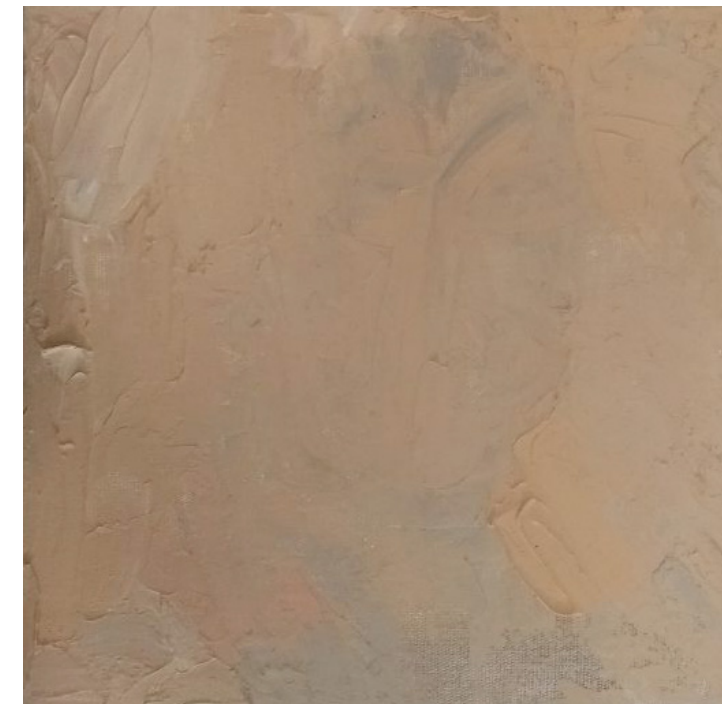


Fig.29 Textura10. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.

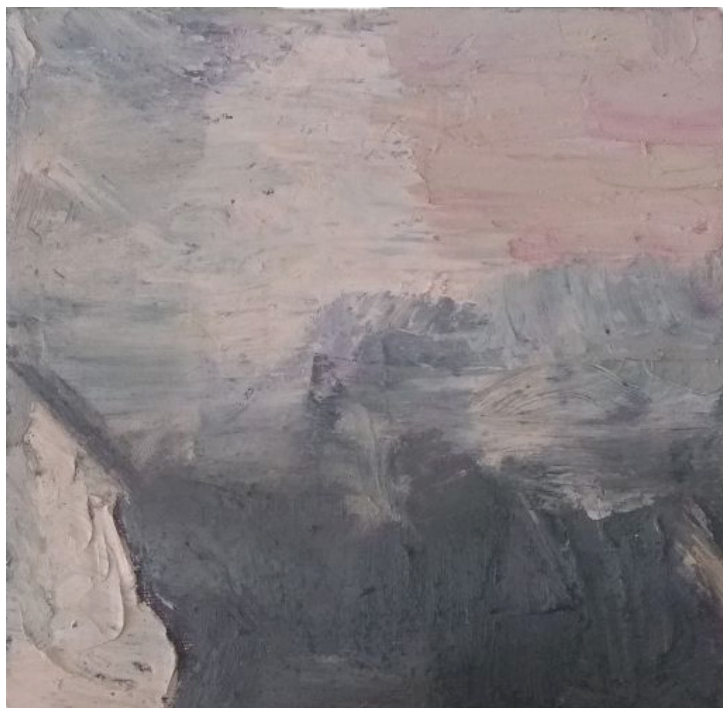


Fig.30 Textura11. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig.31 Textura12. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.



Fig. 32 Textura13. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.

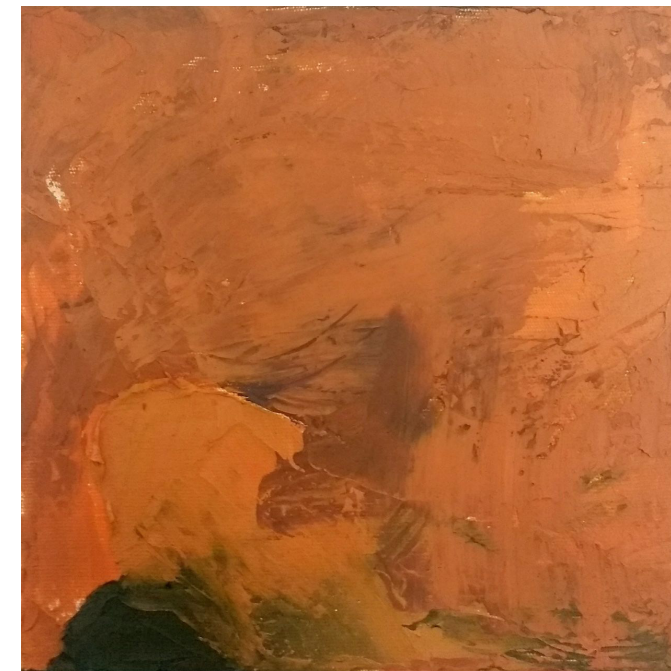


Fig.33 Textura14. 20x20cm.
Encáustica sobre tela.

4.Fábrica

1. Seriação
2. Números
3. Indivíduo
4. Máquina

Eu poderia nomear cada uma das minhas pinturas individualmente para demonstrar toda a intimidade que crio com elas após meses de trabalho. Elas são retrato do meu relacionamento com as Vacas e revelam meu processo de feitura da pintura, os entraves e as conversas mais fluídas, fica tudo ali. Mas escolhi numerá-las, tirar a individualidade e colocá-las em série. Por quê?

O local em que as Vacas estão começou a se tornar importante na minha pintura a partir do terceiro retrato que fiz, um bezerro, o 021 (fig.10). Percebi também que até agora todas as pinturas que realizei foram a partir de fotografias feitas no mesmo curral - o curral da fábrica da minha família que já citei anteriormente. Mesmo tendo fotografias de Vacas tiradas em outros lugares, as escolhidas sempre revelaram, mesmo que inconscientemente, um vínculo pessoal entre mim, as Vacas a serem retratadas e o local onde elas estão. A partir dessa observação comecei a relacionar esse local com a minha produção. A fábrica que produz tecidos é um local de transformação da matéria prima, no caso o algodão, em produto final, tecido estampado, alvejado ou tingido.

A fábrica é mais que só ela. É local das minhas memórias da infância e ponto de encontro da família. Meu avô queria criar vacas leiteiras e fez um curral, para onde alguns de nós, familiares, gostávamos de ir para tomar leite cru com conhaque e açúcar quando a vi-

gilância sanitária ainda permitia um contato humano com os animais (meu primeiro drinque desses foi aos seis meses quando minha mãe pediu para minha irmã preparar minha mamadeira e ela fez o meu igual ao dela. Dormi muito bem naquele dia). Agora, só é permitida a ordenha mecânica. Inicialmente todas as Vacas recebiam nomes, agora só algumas, e todas são etiquetadas com o número de série. Não sei quanto desse distanciamento dos animais é em função da morte do meu avô ou dessa ordenha mecânica, mas isso me incomoda profundamente.

Foi também com a pintura 021 que descobri como dar título para as minhas pinturas. Nela apareceu pela primeira vez a etiqueta na orelha com o número que identifica as Vacas para facilitar o controle, que tira a individualidade e as caracteriza como máquinas eficientes que vivem para o propósito de “transformar erva em leite” (FLUSSER,V. 2011 p.65)². Esse acessório poderia ter nele o número, mas não gosto de palavra ou símbolos na pintura e não os coloquei, fiz apenas a forma da etiqueta e resolvi atribuir a pintura o número que estaria lá. Numerar as pinturas que faço ressaltando a individualidade, o olhar e a personalidade, como um retrato, com os números de série colocados em seus corpos é contraditório e necessário.

Villém Flusser propõe em seu livro Naturalmente uma forma de olhar para as Vacas que iguala homem e vaca. Ele diz que vacas são “protótipo de máquinas do futuro” e o consumidor comprador dessas máquinas é convidado a participar ativamente da “produção de um novo modelo”, através de cruzamentos entre raças, dizendo que Vacas são produtos e que há uma “tendência humana para se espelharem em seus produtos”. Ele põe o homem em lugar de vaca para uma elite que explora dando a sensação de liberdade suficiente para que não haja uma rebelião. Assim, o sistema continua funcionando, para atender a esses que se julgam

superiores e são capazes de influenciar as mentalidades, seja através da força ou do capital. Pra mim, isso é um convite para pensar sobre a necessidade de nós humanos continuarmos a escravizar uma espécie para atender ao nosso paladar, enquanto compartilhamos o mesmo status da Vaca de seres passíveis de sermos escravizados e viver, como já vivemos, com as mesmas funções: “nascimento, consumo, ruminação, produção, lazer, reprodução e morte.”.

Vacas

São máquinas eficientes para a transformação da erva em leite. (...) são auto reprodutivas, e quando se tornam obsoletas, a sua ‘hardware’ pode ser utilizada na forma de carne, couro e outros produtos consumíveis. (...) O seu manejo não é custoso e não requer mão de obra altamente especializada. (...) podemos afirmar desde já que vacas são o triunfo de uma tecnologia que aponta para o futuro. (...) o que impressiona mais no design da vaca é isto: a surpreendente gama de variações que o seu protótipo permite. (...) Trata-se, no protótipo da vaca, de autêntica obra aberta.

(...) Os estereótipos são fornecidos ao consumidor acompanhados de um ‘modo de usar’ que equivale a um convite de participação em jogo. O comprador de vacas pode, se assim desejar, projetar seu próprio modelo, ‘cruzando raças’.

(...) É conhecida a tendência humana para ‘espelhar-se’ nos seus produ-

tos. O processo é exatamente este: o homem projeta modelos para modificar a realidade. Tais modelos são tomados do corpo humano. (...) O modelo é realizado na forma de um produto. Em seguida, o modelo humano por trás do produto é esquecido, e o produto se estabelece, por sua vez, em um modelo para o conhecimento e comportamento humano. (...) Tal retroalimentação nefasta entre o homem e seus produtos é aspecto importante da alienação e autoalienação humana.

(...) O homem pode não reconhecer na vaca o seu próprio projeto, pode esquecer que a vaca é resultado de sua própria manipulação da realidade em obediência a um modelo seu, e aceitar a vaca como algo de alguma forma ‘dado’ (por exemplo: pode aceitar a vaca como uma espécie de ‘animal’, portanto, parte da ‘natureza’). (...) Em nada adiantarão, em tal caso, ‘explicações genéticas’ da vaca, explicações que provarão ser a vaca resultado de manipulação humana. O impacto da vaca se dará em nível existencial, no contato diário com ela. (...) A mera presença cotidiana a vaca exercerá sua influência ‘vaquificante’. A fantasia se recusa a imaginar a consequência disto.

No entanto, é preciso enfrentar o perigo. A fantasia deve ser forçada. Revela a visão de uma humanidade transformada em rebanho de vacas. Uma humanidade que pastará e ruminará satisfeita e inconsciente, consumindo erva, na qual a elite invisível de ‘pastores’ tem interesse investido, e produzindo o leite para tal elite. Tal humanidade será manipulada pela elite de maneira tão sutil e perfeita que se tomará por livre. Isto será possível graças a automaticidade do funcionamento da vaca. A liberdade ilusória encobrirá a manipulação ‘pastoril’ perfeitamente. A vida se resumirá às funções típicas da vaca: nascimento, consumo, ruminação, produção, lazer, reprodução e

morte. Visão paradisíaca e terrificante. Quem sabe, ao contemplarmos a vaca, estamos contemplando o homem do futuro?. (FLUSSER, Villém. 2011)².

Um filósofo que conheci recentemente foi Michel de Montaigne³, que, para um pensador do sec. XVI, tem um pensamento bastante inovador e atual. Ele diz sobre os motivos da nossa insegurança, como humanos e detentores de uma mente cheia de razão nos sentirmos inadequados de varias maneiras. A primeira, e mais significativa para mim, é sensação de inadequação com o corpo. Ele viveu em uma propriedade com animais e observava neles muita facilidade e naturalidade para lidar com seus corpos, sem vergonha e constrangimentos por sua corporeidade, o que para nós humanos é bem difícil imaginar. A raça humana estabelece padrões de comportamento e beleza que fazem com que todos que não se encaixam ou não se percebem no padrão se sintam inadequados. O pensador cita algumas histórias como a de um homem que, após soltar alguns puns em um jantar, comete suicídio. Ele chega à conclusão de que animais possuem mais sabedoria que nós. Nesse sentido, ele iguala homem e animal e diz que seus comportamentos deveriam ser imitados por nós e não faz isso pejorativamente, mas sim para fazer com que nos aceitássemos melhor.

Outro problema da mente humana é que, por termos esse cérebro desenvolvido, somos arrogantes. Por isso, o homem, como sociedade, pensa que sabe o que é certo e impõe sua visão sobre outros. De acordo com minha interpretação desse pensamento, é essa arrogância intelectual do homem que leva a sociedade a se sentir superior a outros seres vivos, que não possuem a mesma razão, e a acreditar que pode manipular outros animais como máquinas e produtos.

5. Pinturas

Nessa parte apresentarei a minha produção mais recente: aqui, entrarão as fotos, os desenhos e as pinturas. A foto e o desenho anteriores a cada pintura dividem uma página e cada pintura possui uma página só pra ela.

Farei uma breve descrição das técnicas utilizadas nas pinturas: trabalho com grafite, óleo e encáustica fria. Começo fazendo o desenho sobre a tela, que no caso desses trabalhos apresentados aqui é tecido esticado sobre compensado de madeira e preparado com cola. Em alguns momentos da pintura, prefiro usar a tinta bastante diluída e, caso eu queira mais alguma camada, uso a técnica do gordo sobre magro, ou seja, a tinta mais diluída como primeira camada e vou engordando a tinta, usando menos solvente, à medida que acho necessário. Uso a encáustica quando quero muita matéria, e em alguns momentos deixo a tinta com a cera secar um pouco antes de aplicar na tela para que ela aglutine e forme texturas. A cera da encáustica que eu uso é preparada com três partes de cera de abelha para duas de terebintina. Derreto a cera de abelha em banho-maria, e depois que ela está completamente líquida, longe do fogo, adiciono a terebintina e guardo em um pote de vidro com tampa na geladeira. Quando a mistura esfria, fica com textura de manteiga e pode ser utilizada.

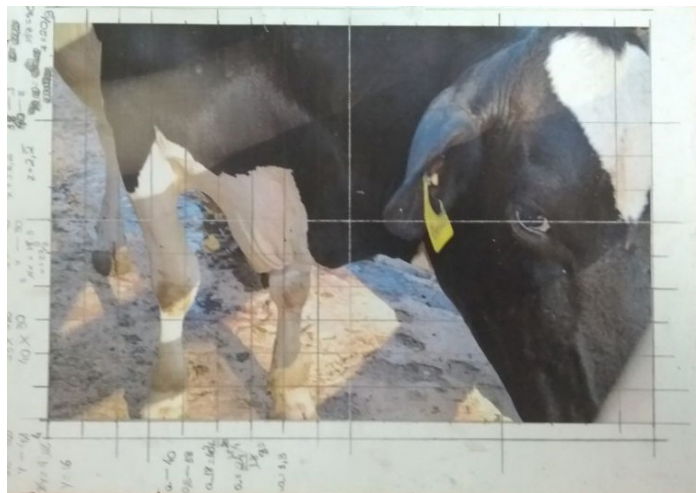


Fig.37 Foto2

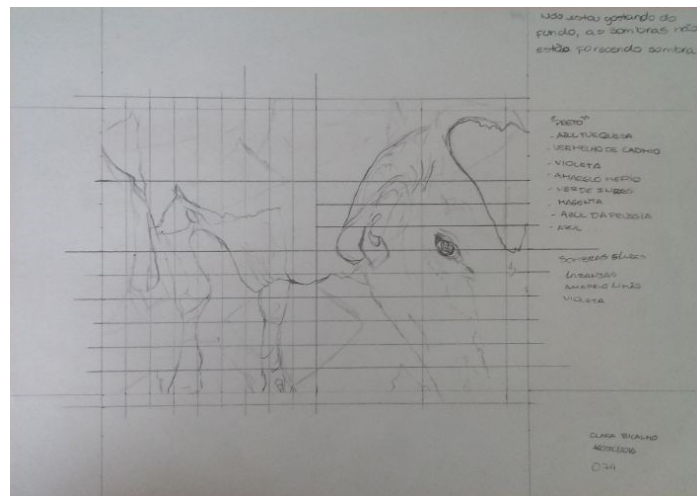


Fig.38 Desenho2

Fig.39 043.
45x30cm. Óleo e encáustica
sobre tela.





Fig.40 Foto3

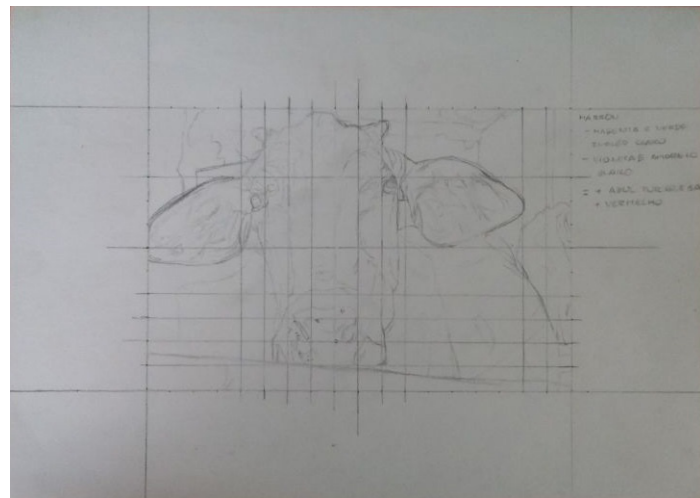


Fig.41 Desenho3

Fig.42 041.
45x30cm. Óleo e encáustica sobre
tela.





Fig.43 Foto4



Fig.44 Desenho4

Fig.45 058/2.
45x30cm. Óleo e encáustica
sobre tela.





Fig.46 Foto5

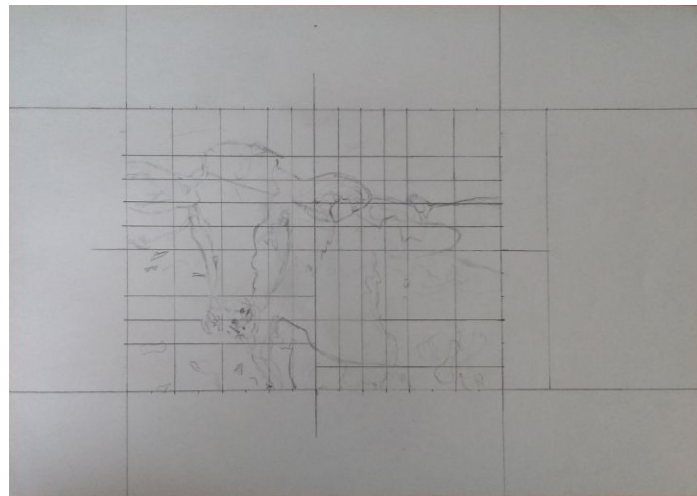


Fig.47 Desenho5

Fig.48 020.
45x30cm. Óleo e encáustica sobre
tela.





Fig.49 Foto6

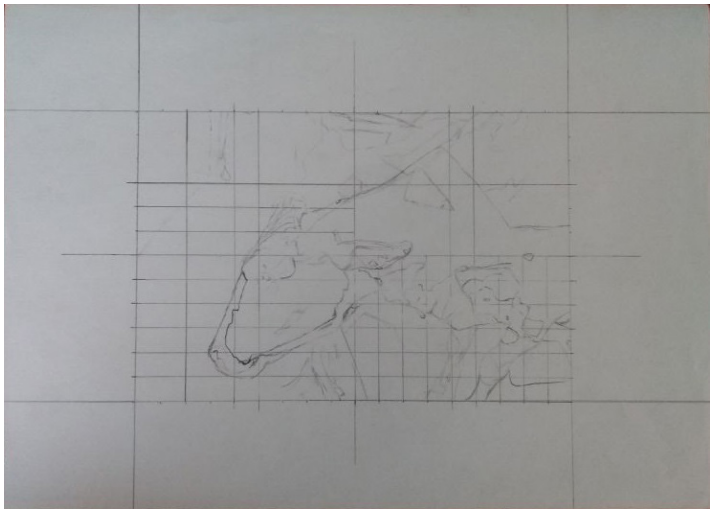
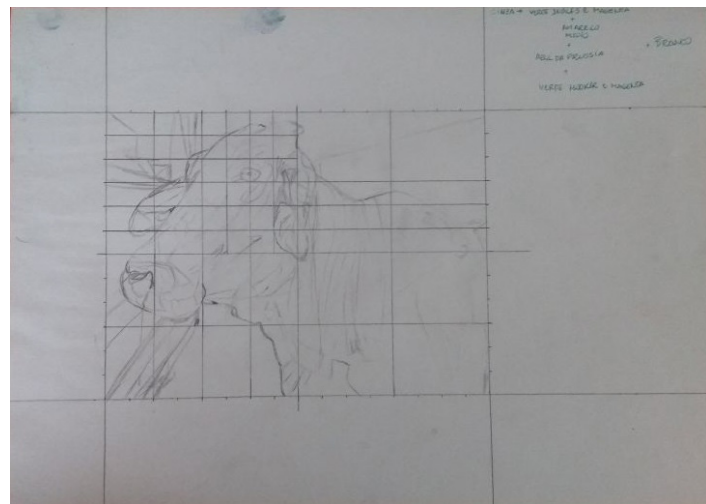


Fig.50 Desenho6

Fig.51 035.
45x30cm. Óleo e encáustica
sobre tela.





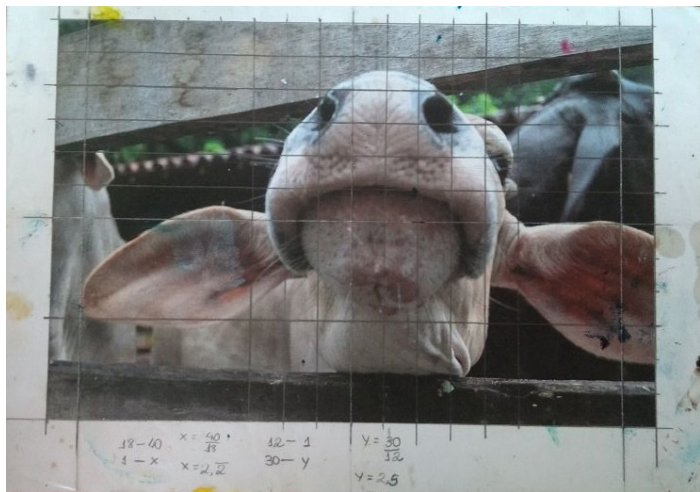


Fig.55 Foto8

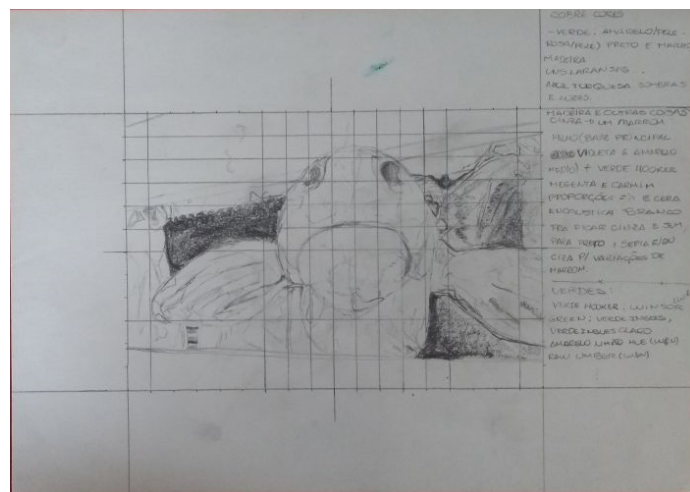


Fig.56 Desenho8



Fig.57 034/2.
45x30cm. Óleo e encáustica
sobre tela.



Fig.58 Foto9

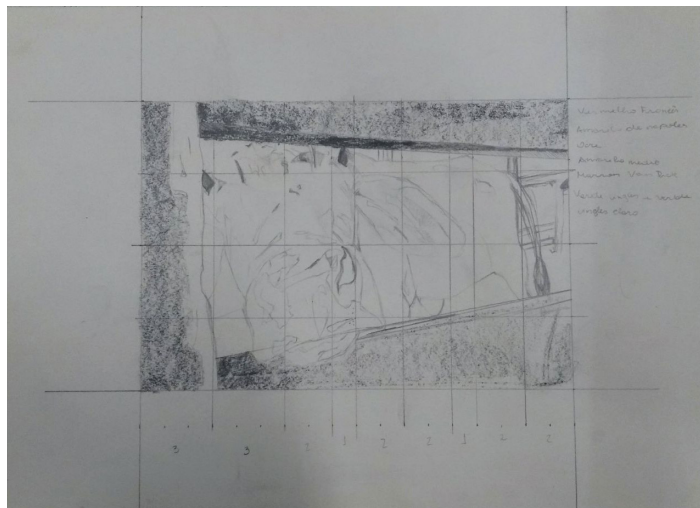
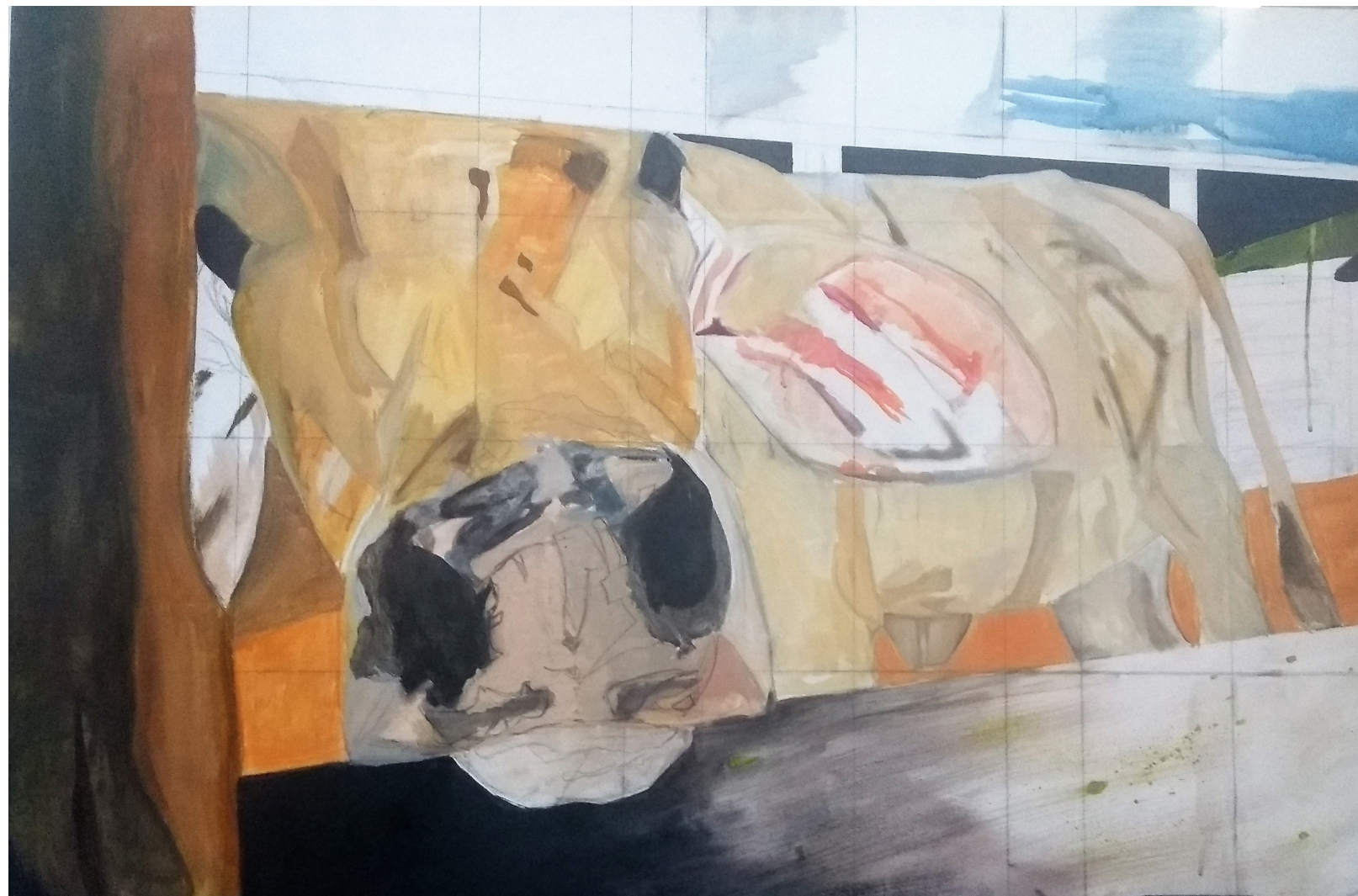


Fig.59 Desenho9

Fig.60 034/3.
90x60cm. Óleo e encáustica
sobre tela.



6.Conclusão

Esse trabalho me fez perceber todas as qualidades da minha pintura fora da própria pintura. Percebo agora que pintar Vacas traz consigo uma tradição de representação com a qual eu não compactuo. Fazer seus retratos traduziu minha percepção desse animal. Procurar textos sobre elas me fez perceber o quanto essa sociedade não as enxerga como seres capazes de sentir e de ter uma vida plena. Elas são realmente máquinas para produzir leite e o que não é produtivo nessa cadeia vira carne, roupas, tapetes, entre outros produtos. Claramente as pinturas analisadas neste trabalho consistiram na expressão de que não as percebo dessa forma, e que trazê-las para o primeiro plano trata-se de um dispositivo pictórico que revela a intenção de mostrá-las humanizadas.

Referências:

1. MESQUITA, Tiago e MONACHESI, Juliana. *Ana Elisa Egreja*. [S.L.]. Cobogó, 2013.
2. FLUSSER, Villém. Vacas. In: . *Natural:mente*: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Anablume, 2011. p. 65-70.
3. A autoestima por Montaigne. Disponível em: <<http://philos.tv/video/a-autoestima-por-montaigne/40979/>>. Acesso em 10 de maio 2017.

Figuras:

Figura 12: *Três estudos de Lucian Freud*. 198 × 147.5 cm. Óleo sobre tela, 1969. Francis Bacon.

Figura 13: *Grey gelding*. Óleo sobre tela, 2003 Lucian Freud.

Figura 14: *Girl with a kitten*. 410 x 307cm. Óleo sobre tela, 1946. Lucian Freud.

Figura 15: *Triple portrait*. 120 x 100cm. Óleo sobre tela, 1986-1987. Lucian Freud.

Figura 16: *Patos na piscina*. 70 x 90cm. Óleo sobre tela, 2012. Ana Elisa Egreja.

Figura 17: *Escada 2*. 160 x 130cm. Óleo sobre tela, 2011. Ana Elisa Egreja.

Figura 18: *Ritz e Cildo* [díptico]. 130 x 170cm. Óleo sobre tela, 2009. Ana Elisa Egreja.

